



## **A EQUOTERAPIA COMO MÉTODO TERAPÊUTICO PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UM ESTUDO DE CASO**

Alina Mira Maria Coriolano<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco, alinacoriolano@hotmail.com

### **Introdução**

A equoterapia faz uso do cavalo no processo de ensino-aprendizagem e na inserção social; de modo que, o cavalo atua como coautor do desenvolvimento psicomotor através da mediação entre os profissionais e praticantes (termo designado às pessoas que fazem equoterapia) (NASCIMENTO, 2007; FERRARI, 2003). A utilização do cavalo no processo, além de sua função cinesioterápica, impacta no aspecto psíquico trabalhando sentimentos de segurança e autoestima, autonomia, maior adaptação emocional, novas formas de comunicação e socialização e modificação de atitudes e comportamentos (GAVARINI, 1997; CITTERIO, 1991 apud FREIRE; GRUBITS; MOTTI, 2005).

Desenvolvida ao ar livre, a equoterapia tem sido utilizada como complemento às terapias ditas tradicionais. A respeito desta terapia, “Percebe-se que ao iniciar o tratamento equoterápico, a criança inicia em um mundo novo e diferente, cheio de possibilidades, onde muitos ganhos são adquiridos, sendo a relação afetiva um dos principais, ultrapassando barreiras e modificando de forma positiva sua rotina” (SOUZA; SILVA, 2015, p.16).

Beneficiando-se da interação humano-animal, a equoterapia está cada vez mais sendo utilizada como recurso terapêutico para o atendimento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (BUENO, MONTEIRO, 2011). De modo particular, para estes praticantes, dentre alguns resultados descritos com a equoterapia estão: percepção do outro, imitação, baixa aversão ao contato físico, vivência social, postura corporal ou gestos para iniciar ou modular a interação social, linguagem falada, sorriso como resposta, postura corporal ou gestos para iniciar ou modular a interação social, vinculação animal e terapeutas, percepção em relação ao mundo externo, resposta a ordens simples (SILVA; AGUIAR, 2008 apud SOUZA;



SILVA, 2015; FREIRE;GRUBITS;MOTTI, 2005).

## **Metodologia**

O presente trabalho propõe apresentar um estudo de caso discutindo acerca do atendimento psicológico para crianças com TEA na equoterapia. Para isto, são apresentadas algumas informações sobre a anamnese do praticante, o plano de intervenção e as repercussões das sessões de equoterapia no desenvolvimento deste.

## **Resultados e discussão**

### **ANAMNESE**

De uma gravidez conturbada e marcada por problemas de saúde na gestação (diabetes gestacional e pré-eclâmpsia) com risco de aborto, Rômulo<sup>1</sup> nasceu de parto cesáreo na 38<sup>o</sup> semana. Ele e seu irmão gêmeo, univitelinos, foram diagnosticados com TEA aos 3 anos de idade.

Ao nascer, a mãe relatou que Rômulo não chorou, necessitou ser aspirado e ficou nove dias na incubadora. Foi alimentado através de sonda, pois a mãe não conseguiu lactar. Quanto a aspectos relevantes de seu desenvolvimento, sentou com 1 ano e 6 meses, engatinhou com 2 anos e 6 meses e andou aos 3 anos.

Durante a anamnese, a mãe relata que Rômulo ainda não mastiga, tem dificuldade na mudança de consistência alimentar, tem sono muito agitado e é totalmente dependente nas atividades de vida diária (AVDs). O praticante faz uso dos medicamentos de ação neuroléptica e sedativa; além de ter acompanhamento de fonoaudióloga, psicóloga, fisioterapeuta, terapia ocupacional e psicomotricidade em outras instituições.

Aos 7 anos, dá início ao acompanhamento no centro de equoterapia. Ao iniciar o acompanhamento conosco, a comunicação de Rômulo ocorria através vocalizações, palavras e, eventualmente, formulava frases; apresentava dificuldades de

---

<sup>1</sup> Nome fict



compreensão de linguagem abstrata e dificuldade para lidar com sequências complexas de instruções. Além disto, apresentava ecolalia imediata (repetição do que acabou de ser dito) e inversão de pronomes (confusão entre eu-você). Rômulo não sabia ler nem escrever; demonstrava dificuldade em se relacionar afetivamente com as pessoas; dificuldade na atenção dirigida/sustentada e dificuldade de memorização. Quanto ao desenvolvimento psicomotor, Rômulo apresentou características regredidas para a idade.

### PLANO DE INTERVENÇÃO DO PRATICANTE

Rômulo teve uma sessão de equoterapia por semana com duração de trinta minutos, sendo realizado registro contínuo das sessões e procedimentos realizados nestas. Foram utilizados um cavalo treinado para equoterapia e equipamentos de montaria: dentre eles sela, cilhão, estribo e manta. As atividades propostas se deram através do uso de música, brinquedos e situações lúdicas; além disto, foram usados recursos do próprio ambiente e o cavalo como agente socializador.

Cientes de que o planejamento deve ser estruturado de acordo com as fases de desenvolvimento do praticante, Lord e Rutter (2002 apud BOSA, 2006) salientam ainda quatro alvos básicos de qualquer acompanhamento: 1) estimular o desenvolvimento social e comunicativo; 2) aprimorar o aprendizado e a capacidade de solucionar problemas; 3) diminuir comportamentos que interferem com o aprendizado e com o acesso às oportunidades de experiências do cotidiano; e 4) ajudar as famílias a lidarem com o TEA.

Em conformidade com isto, os objetivos propostos no plano de intervenção de Rômulo foram: 1) melhora da interação social e comunicação; 2) estimulação cognitiva, visando trabalhar funções como memória, atenção, raciocínio e capacidade de resolução de problemas; 3) maior percepção de si, dos outros e do ambiente. A respeito do item 4, foi oferecido acompanhamento psicológico aos pais, mas não houve aderência.

### OS REGISTROS DOS PROFISSIONAIS

Os dados aqui apresentados advêm do prontuário do praticante durante os 6 meses de atendimento conosco na equoterapia. Neste documento, são descritas as



atividades propostas nas sessões; objetivos alcançados ou não com estas atividades; desenvolvimento perceptivo; desenvolvimento da motricidade, coordenação e esquema corporal; desenvolvimento e compreensão verbal e aspectos emocionais, afetivos e sociais durante o decorrer das sessões.

Durante o tempo que está na equoterapia, acerca do acompanhamento de Rômulo são descritos: aumento de frequência do contato visual; reconhecimento dos profissionais que o acompanham; apresenta intenção comunicativa (pegar as mãos e colocar em sua barriga pedindo por cócegas, por exemplo); aumento de frequência da realização de instruções verbais simples; diminuição da ecolalia; maior percepção do outro; sorriso como resposta; melhora da postura corporal; gestos e palavras para iniciar ou modular a interação social (segurar nossas mãos e guiar em direção ao cavalo para montar, por exemplo); vínculo com cavalo e terapeutas; aumento da consciência corporal e baixa aversão ao contato físico (além da busca pela aproximação com o cavalo, é muito frequente a busca de contato corporal com os profissionais através do beijo).

### **Conclusões**

O acompanhamento de Rômulo corrobora com outras experiências positivas da equoterapia como recurso terapêutico no atendimento de crianças com TEA (FREIRE, GRUBITS, MOTTI, 2005; SOUZA, SILVA, 2015). Por fim, é importante reforçar a importância do trabalho transdisciplinar, no qual a especificidade de cada profissional tende a contribuir para o desenvolvimento dos praticantes. Conforme defendem Freire, Grubits e Motti (2005), no âmbito da psicologia e da reabilitação, percebe-se uma troca que gera ganhos psíquicos e físicos na relação entre “pessoa-animal”; pois esta é uma possibilidade onde não são tomadas as deficiências do praticante, mas uma relação viva e ativa proporcionando a ampliação do campo de trabalho e da prática do psicólogo.

**Palavras-Chave:** equoterapia; terapia assistida por cavalos; terapia assistida com animais; Transtorno do Espectro Autista; autismo.

### **Referências**



ANDE-Brasil - Associação Nacional de Equoterapia. Equoterapia: O Método. Disponível em: <[http://equoterapia.org.br/articles/index/article\\_detail/142/2022](http://equoterapia.org.br/articles/index/article_detail/142/2022)>. Acesso em: 08 jun 2021.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Rev Bras psiquiatria**, v. 28, n. Supl I, p. S47-53, 2006.

BUENO, Rovana Kinas; MONTEIRO, Mariliane Adriana. Prática do psicólogo no contexto interdisciplinar da equoterapia. **Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI**, v. 7, n. 13, p. 172-178, 2011.

FERRARI, Juliana Prado. **A prática do psicólogo na equoterapia**. São Paulo: Universidade Presbiteriana MacKenzie-Faculdade de Psicologia, 2003.

FREIRE, Heloisa Bruna; GRUBITS, Paulo; MOTTI, Glauce Sandim. Equoterapia como recurso terapêutico no tratamento de crianças autistas. **Multitemas**, Campo Grande – MS, v.32, p.55-66, 2005.

NASCIMENTO, Ylna Opa. O papel do psicólogo na equoterapia. In: **Curso Básico De Equoterapia** – Associação Nacional De Equoterapia – ANDE-Brasil, p. 60-66, 2007.

SOUZA, Marjane Bernardy; SILVA, Priscilla. Equoterapia no tratamento do transtorno do espectro autista: a percepção dos técnicos. **Revista Ciência e Comportamento**, v. 9, n.1, p. 4-22, 2015.